

GÊNERO E DIVERSIDADE SEXUAL NA EDUCAÇÃO

Camilo Darsie¹

Eduardo Steindorf Saraiva²

Pautar reflexões críticas acerca da temática de gênero e educação é uma importante estratégia de enfrentamento e desconstrução do sexismo, da homofobia, do machismo, das violentas desigualdades de gênero. E através dessa pauta poder ampliar e aprofundar nossa compreensão sobre igualdade e desigualdade, pois

(...) a noção política de igualdade inclui o reconhecimento da existência da diferença, pois do contrário, a igualdade poderia ser definida como uma indiferença deliberada diante das distinções específicas para um determinado contexto (SCOTT, 1992, p.85-104).

Faz-se necessário que trabalhadores (as) da educação repensem saberes e práticas que estejam reforçando determinismos biológicos presentes nos padrões de gênero que aprisionam homens e mulheres em comportamentos para cada sexo e estão na base constitutiva das desigualdades de gênero. Além da discussão dos determinismos biológicos, cabe a reflexão sobre o conjunto de símbolos e práticas que cada sociedade constrói sobre o que é apropriado para cada sexo.

Incluir gênero e diversidade sexual NA educação expressa uma pluralidade de desejos e intenções, desde o reconhecimento da necessária mudança cultural, até a urgência na construção de referências teóricas e metodológicas que problematizem os preconceitos e potencializem a dimensão ética, estética e humanizadora das diferenças, deixando de transformá-las somente em desigualdades.

No artigo, *GÊNEROS NÃO-BINÁRIOS: IDENTIDADES, EXPRESSÕES E EDUCAÇÃO*, Neilton dos Reis e Raquel Pinho discutem, teoricamente, a construção não-binária de gêneros. Assim, destacam a importância do processo educativo no que se refere à socialização entre adolescentes, jovens e adultos e, neste contexto, aquilo que chamam de

¹ Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação e Professor adjunto do Departamento de História e Geografia da Universidade de Santa Cruz do Sul. Endereço: Av. Independência, 2293, Bairro: Universitário, CEP: 96815-900, Santa Cruz do Sul - RS / Brasil. Endereço eletrônico: camilodarsie@me.com

² Doutor em Ciências Humanas e Mestre em Educação. Endereço: Av. Independência, 2293, Bairro: Universitário, CEP: 96815-900, Santa Cruz do Sul - RS / Brasil. Endereço eletrônico: eduardo@unisc.br

(des)(re)construção de signos e significados que permeiam as identidades. Para tanto, problematizam as diferenças entre características naturais supostamente pré-discursivas e processos socioculturais que envolvem a compreensão de uma estruturação binária na concepção de gênero.

Em, *O FENÔMENO BULLYING: DIFERENÇAS ENTRE MENINOS E MENINAS*, Fernanda Silva, Denise Dascanio e Tânia Gracy Martins do Valle abordam, por meio da apresentação de uma pesquisa realizada com 309 jovens de escolas públicas, os tipos de bullying mais comuns entre jovens. Neste contexto, emergem questões relacionadas ao que se conhece como bullying sexual. Conforme indicam, o gênero serve como um marcador importante no que diz respeito ao perfil deste tipo de agressão.

Jamil Cabral Sierra e Maria Rita de Assis César, no artigo *A CRIANÇA QUEER NO CINEMA E AS SUBVERSÕES DAS NORMAS DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA*, discutem, a partir de dois filmes de temática queer, as maneiras pelas quais certas experiências com o corpo, o gênero e a sexualidade podem subverter a norma heterossexual e, com isso, ressignificar o próprio espaço da escola que, conforme argumentam, é marcadamente preconceituoso e excludente.

Em *A QUEM TUDO QUER SABER, NADA SE LHE DIZ: UMA EDUCAÇÃO SEM GÊNERO E SEM SEXUALIDADE É DESEJÁVEL?*, Fernando Seffner e Yara de Paula Picchetti partem da etnografia de cenas escolares, para discutirem o fato de que as salas de aula são locais generificados e atravessados por questões de sexualidade. Ainda, destacam que a abordagem desses temas atende tanto à alfabetização científica quanto a outros propósitos em educação, que dizem respeito à preparação para a vida no espaço público.

Alexandre Gomes Soares e Daniel Manzoni de Almeida analisaram diferentes pesquisas que foram apresentadas nas reuniões anuais da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), especificamente no Grupo de Trabalho 4 – Didática (GT 4) e no Grupo de Trabalho 23 – Gênero, Sexualidade e Educação (GT 23). Autor e autora buscaram compreender como esses GTs vêm concebendo pesquisas que tratam dessa temática com foco no ensino de Ciências. Suas reflexões acerca da pesquisa são apresentadas no artigo chamado *ANÁLISE DE TRABALHOS APRESENTADOS NA ANPED (2004 A 2013) COM A TEMÁTICA DE GÊNERO E SEXUALIDADE NO ENSINO DAS CIÊNCIAS*.

Em *ESCOLA, HOMOSSEXUALIDADES E HOMOFOBIA: REMEMORANDO EXPERIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR*, de Vagner Matias do Prado e Arilda

Ines Miranda Ribeiro, são problematizadas as formas pelas quais a marcação social da homossexualidade é instituída por intermédio de práticas escolares da Educação Física. Com base em relatos obtidos por meio de seis entrevistas com jovens adultos, que se autorreconheceram como homossexuais, é discutida a estigmatização das sexualidades não heterossexuais e as relações hierárquicas nas quais jovens homossexuais passam a ser alvo constante de manifestações de preconceito.

EXPERIÊNCIAS ESCOLARES DE ESTUDANTES TRANS é o nome dado ao artigo de Tânia Mara Cruz e Tiago Zeferino dos Santos. Nele, são resgatadas as memórias de duas transexuais femininas, de Tubarão – SC. Suas experiências escolares, durante o processo de feminilização, foram analisadas e, diante disto, autora e autor destacam que o espaço escolar, nestes casos, apresentou-se como um lugar de discriminação e vigilância contra quem não se enquadrasse nos padrões binários e hegemônicos de gênero e de sexualidade. Contudo, é frisada a relevância do suporte de colegas e da resistência das estudantes trans para que, em tal contexto, não deixassem de seguir estudando.

Talita Santana Maciel e Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo fazem uma reflexão, por meio de estudo bibliográfico, sobre os pressupostos que constituem a educação em direitos humanos, especialmente no que concerne às relações sociais de gênero no artigo *EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO: DISCUSSÕES EM BUSCA DE UMA “EDUCAÇÃO MAIS HUMANA”*

PROFESSORES E PROFESSORAS DE CIÊNCIAS DE ARACAJU/SE FRENTE À HOMOSSEXUALIDADE é o artigo em que Mônica Ismerim Barreto e Maria Inêz Oliveira Araujo apresentam suas análises acerca das formas como os professores de Ciências, das escolas municipais de Aracaju, que participam do programa "Horas de Estudo", atuam frente ao tema homossexualidade. Os dados que compõem o artigo foram obtidos junto a um grupo de professores que apresenta dificuldades no que se refere à forma de agir frente às agressões contra alunos homossexuais. Tal situação oportunizou a emergência de interessantes reflexões.

Em *GÊNERO, SEXUALIDADE E A IMPORTÂNCIA DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS*, Carla Silva Machado salienta a importância das práticas pedagógicas no que se refere às relações de gênero e sexualidade. Partindo disto, dá ênfase às práticas midiáticas na educação, abordando especificamente o cinema e as discussões de gênero e sexualidade no âmbito escolar.

Marília Frassetto de Araújo, Célia Regina Rossi, Maria Filomena Rodrigues Teixeira e Pala Regina Costa Ribeiro, no artigo *PROJETO DE FUTURO NA DIMENSÃO SÓCIO AFETIVA: COMO SE CONSTROEM AS PERCEPÇÕES DE ALUNOS/AS DO ENSINO SECUNDÁRIO EM PORTUGAL E DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL*, apresentam uma pesquisa que buscou compreender o projeto de futuro na dimensão sócio afetiva por alunos/as do Ensino Médio em Portugal e no Brasil. A base teórica se deu através do conceito de adolescência como construção cultural.

No artigo *MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E DISSIDÊNCIAS: TENSÕES CURRICULARES EM COTIDIANOS DE ESCOLAS DA PERIFERIA*, Marcio Rodrigo Vale Caetano, Paulo Melgaço da Silva Junior e Treyce Ellen Silva Goulart questionam os modos como as masculinidades hegemônicas de duas escolas públicas da região da Baixada Fluminense do Rio de Janeiro são performatizadas e interagem com as identidades sexuais dissidentes, a exemplo de gays, travestis e transexuais (GT).

Em *O FUNK OSTENTAÇÃO COMO PEDAGOGIA CULTURAL: MÚSICA, CONSUMO E A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES FEMININAS NA ESCOLA*, Juliana Ribeiro de Vargas e Rodrigo Saballa de Carvalho partem dos Estudos de Gênero e das contribuições dos estudos de Michel Foucault. Ambos analisam e problematizam o modo como os discursos sobre gênero, sexualidade e consumo visibilizados por músicas filiadas ao gênero conhecido como funk ostentação têm operado na constituição de subjetividades, especificamente, em um grupo de jovens alunas, estudantes de uma rede pública de ensino.

Michele de Freitas Faria de Vasconcelos e Jeane Félix discutem tensionamentos políticos e pedagógicos envolvidos no desdobrar do direito à educação como um direito à igualdade e à diferença e o desafio de se criar uma zona de habitação entre igualdade e diferença no campo das políticas públicas educacionais, tomando o gênero como um operador de análises. Segundo as autoras do artigo *GÊNERO, SEXUALIDADE E DIREITOS HUMANOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: ENTRE IGUALDADES E DIVERSIDADES, A DIFERENÇA*.

Em, *BRINCADEIRAS DE MENINOS E MENINAS: CENAS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO INFANTIL*, escrito por Angélica Silvana Pereira e Ericka Marcelle Barbosa de Oliveira, é destacado que nas brincadeiras na educação infantil pode-se dar visibilidade às relações de gênero que são construídas histórica e culturalmente nos mais variados espaços sociais. De acordo com as autoras, nas instituições de Educação Infantil, meninos e meninas têm o direito de acesso aos mesmos espaços, mas nem sempre às mesmas oportunidades de

manifestarem de forma livre suas intenções, desejos e brincadeiras sem que isso cause estranhezas e demarcações de limites, principalmente no tocante ao gênero.

Fernando Altair Pocahy, em seu texto, *BOTANDO CORPO, (DES)FAZENDO GÊNERO. UMA FERRAMENTA PARA A PESQUISA-INTERVENÇÃO NA EDUCAÇÃO*, discute como determinadas posições de sujeito se produzem e quais mecanismos de inteligibilidade e negociações de significados encontram-se presentes em determinados contextos da educação escolar.

Em *A SEXUALIDADE NO HORIZONTE DO DISCURSO PÓS-MODERNO*, produzido por Clenio Lago, Sabryna Joane Voos Bortoncello Tarouco e Edinaldo Enoque da Silva Junior argumentam acerca da importância de se compreender o processo constitutivo da sexualidade, no horizonte do discurso pós-moderno. Partindo de pesquisa bibliográfica e de coleta dos dados por meio de entrevistas individuais, autores e autora indicam que a crise moderna dá origem a várias “desconstruções” e traz como continuidade desse processo a pós-modernidade, com suas crises e quebra de tabus.

Para além dos artigos que compõem o dossiê temático, esta edição conta com mais sete contribuições relacionadas a temas diversos, que atravessam a Educação. Os temas são de grande valia aos profissionais e pesquisadores da área.

Em *A ALFABETIZAÇÃO MUSICAL E OS PARADIGMAS EDUCACIONAIS*, Tadeu Aparecido Malaquias e Alboni Marisa Dudeque Pianovski Vieira apresentam as concepções atuais de alfabetização musical e suas relações com as questões paradigmáticas da educação, expondo os diferentes tipos de paradigmas e suas modificações. De acordo com o artigo, a relevância do tema está no escasso debate sobre os paradigmas na educação musical e na possibilidade que o seu estudo pode proporcionar ao educador no processo de alfabetização musical.

No artigo chamado *EMERGÊNCIA DE UMA PEDAGOGIA DO MOVIMENTO DOS POVOS ATINGIDOS POR BARRAGEM*, Sérgio Roberto Moraes Corrêa e Severino Bezerra da Silva apresentam de uma pesquisa de dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, de modo a analisar a proposta de Educação do Movimento dos Atingidos por Barragem (MAB).

Cristhiane Cunha Flôr e Suzani Cassiani, no artigo *QUAL QUÍMICA ENSINAR? REFLEXÕES A RESPEITO DA EDUCAÇÃO QUÍMICA E FORMAÇÃO DE LEITORES EM AULAS DE QUÍMICA NO ENSINO MÉDIO*, tratam de questões ligadas a algumas das abordagens utilizadas na Educação Química no Ensino Médio.

MARCAS DE ORALIDADE NO CADERNO KZUKA – UM OLHAR SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS é o texto em que Angela Dillmann Nunes Bicca, Ana Paula de Araujo Cunha e Raquel Neutzling Bierhals relatam pesquisa em que buscaram compreender como as marcas de oralidade presentes no jornalismo estão implicadas na constituição de identidades culturais juvenis. Sob a perspectiva dos Estudos Culturais, as autoras discutem, a partir da abordagem discursiva da Representação Cultural, os modos como o *Caderno Kzuka* – periódico semanal do jornal gaúcho Zero Hora – promove uma forma de Pedagogia Cultural, ao incorporar expressões e elementos tipicamente juvenis ao texto escrito no semanário.

No texto *PRÁTICAS COERCITIVAS NA EDUCAÇÃO: O QUE DIZEM E O QUE FAZEM OS PROFESSORES*, Rosina Forteski Glidden e Ivan Gross analisam e discutem a correspondência entre o relato e a prática acerca do uso de eventos coercitivos nas interações professor-aluno em quatro professoras dos anos iniciais do ensino público.

No relato *GERAÇÃO DO MORRO: RELATO DE UM PROJETO DE INTERVENÇÃO PSICOEDUCATIVA EM UMA ESCOLA PÚBLICA*, Luciana Szymanski, Isabel Santana Gervitz e Luiza Capucci apresentam e analisam uma intervenção psicoeducativa realizada em uma escola pública de São Paulo e, por último, Roberto Rafael Dias da Silva em, *MORALIDADE E EDUCAÇÃO NA MODERNIDADE LÍQUIDA*, apresenta uma resenha inspirada na obra *Cegueira moral: a perda da sensibilidade na modernidade líquida*, de Zygmunt Bauman.

É interessante destacarmos que, conforme pode ser observado, os textos possuem aproximações e distanciamentos entre si. Consideramos que a variedade de perspectivas teóricas e metodológicas, neste caso, compõe um mosaico que pode promover reflexões potentes no que se refere à temática.

Assim, antes de finalizar, gostaríamos de agradecer aos autores e autoras pelo envio dos artigos e, também, ao grupo de pareceristas que participaram ativamente do processo de elaboração desta edição.

Desejamos uma boa leitura e que este Dossiê seja produtivo aos interessados na temática.